



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13378 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GE Cotidianos - éticas, estéticas e políticas

REDE FEMINISTA NO COTIDIANO DE MULHERES NA UNIVERSIDADE

Amanda Motta Castro - FURG - Universidade Federal do Rio Grande

Desirée de Oliveira Pires - FURG/PPGEDU - UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE

Raylene Barbosa Moreira - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

REDE FEMINISTA NO COTIDIANO DE MULHERES NA UNIVERSIDADE

Resumo: O presente trabalho é o resultado da construção do Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez, criado durante o contexto de pandemia da Covid-19, e em meio a uma onda de extrema direita no Brasil. Ao longo do texto teceremos fios condutores entre a rede feminista criada no cotidiano, que resultou na criação do grupo e na inspiração para que esse movimento pudesse acontecer. Tivemos como objetivo discutir acerca da rede feminista que se formou a partir da criação do Grupo, seus movimentos e avanços. Como metodologia utilizamos a feminista e os princípios da pesquisa participante. Como resultados, além de inúmeras pesquisas, tivemos a afetividade e união de mulheres de diversas localidades do Brasil e exterior.

Palavras-chave: Cotidiano, Feminismo, Educação, Universidade.

Introdução

O feminismo levanta suspeitas quanto às aquisições tranquilas da tradição patriarcal, questiona a objetividade da ciência, seu caráter aparentemente assexual para reafirmar que o conhecimento humano é situado em nossa realidade social, cultural e sexual.

(Gebara, 1997, p 69)

Esta pesquisa é o encontro de muitas mulheres e seus cotidianos. Esse movimento

teve início entre os muros da universidade e expandiu-se não somente regionalmente, mas nacionalmente e, posteriormente, internacionalmente.

O presente texto busca discutir a construção e trajetória de uma das muitas redes feministas presentes em nosso cotidiano, o Grupo de Pesquisa Interdisciplinar Lélia Gonzalez, criado em 2020 durante a pandemia da Covid-19 no Brasil por professoras universitárias, estudantes de pós-graduação e militantes. Diante de um cenário dramático, marcado pelo medo e pela insegurança em relação ao futuro, percebemos a necessidade de criar redes de fortalecimento para/pelas mulheres.

O grupo Lélia, que trabalha em rede, tem como principal proposta abordar reflexões sobre os feminismos, sobretudo, os transatlânticos. Diante de nossas discussões, análises e reflexões, nascemos e seguimos lutando contra uma sociedade racista, classista, sexista, LGBTQIA+fóbica a qual cresce de forma assustadora pelo conservadorismo que se fortalece no país (CASTRO & MOREIRA, 2021).

Diante aos nossos posicionamentos, se faz importante destacar que nascemos enquanto grupo dentro de um contexto político-social muito conturbado e intensificado pela pandemia da Covid-19. Na última década, vivenciamos um desmonte e sucateamento das políticas públicas voltadas para as populações que historicamente são excluídas. Vivemos um golpe contra uma presidenta eleita democraticamente, e presenciamos a ascensão de uma extrema direita, que marcada por uma política de ódio, culminou na eleição de um presidente extremista.

Por conta disso, para que pudéssemos acalmar as angústias diante de um futuro incerto, nos reunimos em *rede*. Apesar de diversas em suas trajetórias e vivências, formamos um *tecido* forte e que, na amorosidade, foi capaz de unir forças para que pudéssemos continuar reivindicando nossos direitos sociais. Denunciamos e resistimos às políticas conservadoras dos últimos anos, traçando novas estratégias de enfrentamento aos problemas cotidianos da população que se encontra às margens da sociedade.

Metodologia Feminista para uma rede feminista

Assim como toda a construção teórica do trabalho, apontamos em nossa metodologia o compromisso com o feminismo. Formamos uma rede de mulheres feministas, deste modo torna-se impossível tomarmos por base outro modo de construir pesquisa, se não, uma perspectiva teórica-metodológica feminista.

Graciela Hierro (2007, p. 1813) assegura que “La investigación feminista surge de la consideración de lo que hacen las mujeres y de cómo lo hacen observado por las mismas mujeres”. A metodologia feminista é a forma de fazer pesquisa para/com mulheres, ou seja, a maneira como lemos, escutamos, observamos e perguntamos possui um enfoque distinto do androcêntrico e sexista. Essencialmente, as técnicas utilizadas nas pesquisas não são

feministas, mas o uso que fazemos delas é que são.

É inegável o caráter abertamente político deste presente trabalho. Pois buscamos conhecer e reconhecer o nosso passado para que consigamos entender o presente; assim, esperamos não somente preparar, como revolucionar tanto o presente quanto o futuro. Bartra (1998) nos aponta que a metodologia feminista é feita do ponto de vista das mulheres, trabalhando principalmente a partir das experiências de vida.

Atrelada a metodologia feminista, trabalhamos também com pressupostos de uma pesquisa participante (BRANDÃO, 1986), tendo em vista o caráter político que tal metodologia também assume. Servindo como uma alternativa teórica-metodológica, a pesquisa participante rompe com os modelos das ciências humanas e sociais baseadas em uma lógica positivista e eurocêntrica. Entendemos assim, embasadas por Freire (2003), que o ato de participar pode ser percebido como um exercício de ter voz, exercitando a cidadania para que possamos lutar por uma justiça e emancipação social.

Amparadas pelas teorias feministas e da educação popular, buscamos romper com os princípios de se fazer ciência a partir de um lugar neutro em busca de uma verdade científica. Sem perdermos o rigor teórico-metodológico, buscamos pensar uma ciência feminista e popular, desconstruindo tais preceitos, uma vez que o que se busca é uma teoria “que possa autorizar e fundamentar esse saber que se quer politizado” (SARDENBERG, 2002, p. 91).

Análise e Discussão de Resultados

A criação do Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez foi um período de extrema exaustão. Nós, enquanto idealizadoras do grupo, precisávamos também de acolhimento, de diálogo e algo que nos mantivesse perto uma das outras, principalmente quando consideramos o momento político vivido durante os primeiros movimentos de criação do grupo.

Considerando o contexto de criação do grupo, é importante destacar que ele surgiu durante o governo bolsonarista, eleito em 2018 democraticamente através do voto direto. Apontamos ainda que esse grupo/rede está construído dentro de um lugar de sistematização do conhecimento também duramente atacado durante o referido governo: A universidade. Lembramos que durante os quatro anos de extrema direita no poder a Universidade pública foi duramente atacada dia sim e dia também.

Em 2020 vivenciamos, talvez, um dos seus piores momentos. A crise sanitária derivada da Covid-19 atingiu seu auge, com um aumento significativo no número de infectados e mortos pela doença. Como se não bastasse, ao invés de conter a crise sanitária, o governo bolsonarista ficou de braços cruzados assistindo a população brasileira morrer, inflando seus apoiadores com uma política baseada no ódio, principalmente, ódio às mulheres, população LGBTQIA+, população preta e periférica. Difícil mesmo naquele momento era saber quem era mais perigoso: o vírus ou as políticas bolsonaristas.

Todo esse cenário político caótico poderia ter sido evitado se tivéssemos políticas públicas voltadas para a valorização dos direitos humanos e, sobretudo, valorização da vida. O governo de Jair Messias Bolsonaro (infelizmente é preciso nomear para que conste nos registros) é o grande responsável por termos chegado a um estado de profunda crise política, econômica e social. Levaremos anos, ou até mesmo décadas, para construirmos tudo aquilo que perdemos com as políticas do ódio.

Portanto, destacamos que construir este grupo foi, e continua sendo, um importante movimento de resistência. Se é fato que vivemos em uma sociedade patriarcal (SAFIOTTI, 2015), também temos como verdade que caminhamos a contrapelo ao que foi estabelecido, ou seja, as mulheres resistem e se movimentam para que mudemos a estrutura. E, neste contexto, a feminista Flavia Brioli (2018) aponta a importância das “transgressões” feministas na atualidade:

Os movimentos feministas têm atuado de “fora” (exercendo pressão a partir das ruas) e “dentro” do Estado, participando da construção de políticas e de novos marcos de referência para as democracias contemporâneas no âmbito estatal nacional e em organizações e espaços transnacionais. (BIROLI, 2018, p.175).

Sendo assim, à medida que fomos construindo nosso trabalho enquanto grupo, em meio a conjuntura política já citada, percebemos que formávamos uma *rede*. Definimos como rede um entrelaçado de fios de espessuras diferentes e tecidos diversos, que juntos podem formar uma malha com espaçamentos regulares. Ou ainda, podemos definir *rede* como um objeto bem conhecido na cultura brasileira, feito de tecido resistente, preso pelas extremidades e que serve tanto para embalar quanto para dormir, ou ainda para a subsistência de muitas pessoas pela pesca em redes junto ao mar e rios. Entre tantos significados para aquilo que entendemos como rede, refletir sobre a etimologia da palavra nos auxilia a exemplificar o que seria uma *rede feminista*: na diversidade daquilo que somos e representamos, formamos um tecido resistente as adversidades que nos são impostas em nosso cotidiano.

Michel Certeau (1994), em seu livro “A invenção do cotidiano”, explana que a vida cotidiana não é um tema muito nobre para as Ciências Humanas e que, há poucos anos, o cotidiano passou a ter atenção. O autor destaca que teóricos/as do campo das Ciências Humanas, de várias correntes teóricas, não perceberam a vida cotidiana como um espaço repleto de inventividade; tampouco perceberam que a teorização, a partir do cotidiano, leva a uma produção cultural anônima, desenvolvida com a criatividade de pessoas comuns, e as narrativas do cotidiano das pessoas estão mais próximas da intensidade da vida real.

O caminho que constitui a luta nos permite pensar e construir de forma coletiva, permite que trilhemos o caminho da amorosidade e da ternura, como nos aponta a feminista bell hooks (2020). Contextualizar esse movimento de resistência na América Latina é pensar e refletir a partir de nossas próprias experiências e “escrevivências” — termo cunhado pela

escritora brasileira Conceição Evaristo. Buscamos resgatar as múltiplas e diversas experiências das mulheres, sobretudo as racializadas e ditas periféricas. Portanto, conforme afirmamos ao falar do Grupo de Pesquisa Lélia Gonzalez, “nossos passos vêm de longe”. E, para que possamos pensar em redes feministas, também precisamos falar sobre afeto, ternura e coletividade para que possamos resistir.

Com a construção dos movimentos e redes feministas, o que é tido como “função da mulher” e espaço que ocupamos vem sendo questionado, inclusive com enfrentamento. Vivenciar e experienciar movimentos e construção de redes feministas, como as que citamos, reafirmam a necessidade de, segundo hooks,

criarmos teorias feministas e movimentos feministas que falem com essa dor, não teremos dificuldade para construir uma luta feminista de resistência na base das massas. Não haverá brecha entre teoria feminista e a prática feminista. (hooks, 2013, p. 104).

De acordo com Françoise Vergès (2021), redes que movimentam a estrutura do estado patriarcal têm sido, atualmente, o principal instigador de desigualdades entre mulheres e homens, brancas/os e negras/os, heterossexuais e LGBTQs. A total loucura da eleição do ex-presidente do Brasil, conforme apontado anteriormente, tem nos mostrado, a partir da experiência cotidiana, que nenhum dos direitos conquistados pelas/os ditas/os subalternas/os são permanentes. Longe disso, a luta e a vigilância são ações diárias pela manutenção dos direitos já conquistados, como nos ensinou Simone de Beauvoir (2009).

Considerações Finais

Portanto, as pesquisas realizadas ao longo das atividades do grupo e ao longo do desenvolvimento dos nossos encontros se movimentam e resistem ao período em que vivemos. Seguimos resistindo e caminhando a contrapelo do que estamos vivendo, nos comprometemos com as lutas, compreendendo que não há possibilidade de neutralidade ou imparcialidade.

Como nos ensinou o legado de Lélia Gonzalez, buscamos como grupo, ou melhor, como rede feminista, a liberdade das mulheres, da classe trabalhadora, das populações indígenas e da população preta dentro e fora dos muros acadêmicos. Deste modo, aqui temos uma busca da prática feminista e nossas novas redes de resistências, que são teórico-práticas e que buscam apoiar umas às outras através de redes de enfrentamento, resistência, apoio e ternura na insistência feminista de que não estamos só, andamos juntas e misturadas!

Referências

BARTRA, Eli (org.). **Debates em torno de uma metodologia feminista**. México, D.F.:

UNAM, 1998.

BIROLI, Flávia. **Gênero e desigualdades: os limites da democracia no Brasil**. 1ed. São Paulo: Boitempo, 2018.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Saber e ensinar: três estudos da educação popular**. Campinas: Papyrus, 1986.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CASTRO, Amanda Motta; MOREIRA, Raylene. **Epistemologias Afrolatinoamericanas**. São Paulo: LiberArs, 2021.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018.

GEBARA, Ivone. **Teologia ecofeminista**. São Paulo: Olho D'Água, 1997.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

hooks, bell. **O feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. 1ed. Rio de Janeiro: Rosas dos Tempos, 2020.

SAFFIOTI, Heleith. **Gênero, patriarcado e violência**. 2ªed. São Paulo: Expressão Popular, 2015.

SARDENBERG, Cecília M. B. **Da Crítica Feminista à Ciência a uma Ciência Feminista?** In: COSTA, Ana Alice; SARDENBERG, Cecília M.B (Orgs.). **Feminismo, Ciência e Tecnologia**. Salvador: NEIM/UFBA:REDOR, 2002.

VERGÈS, Françoise. **Uma teoria feminista da violência**. São Paulo: Editora Ubu. 2021.